

## **8º VCIT**

### **DISCURSO DE ABERTURA**

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras,

Exmos. Senhores Oradores convidados,

Caros Investidores e Empreendedores presentes,

Minhas senhoras e meus senhores,

Em primeiro lugar, breves palavras de saudação e de agradecimento.

Saudação e agradecimento à INOVCAPITAL - operador de referência do Ministério da Economia e da Inovação para o sector de Capital de Risco nacional - e em particular ao seu Presidente, Dr. Luís Filipe Costa, a quem agradeço publicamente todo o apoio manifestado quer do ponto de vista financeiro quer do ponto de vista institucional, ao associar-se, mais uma vez, à Gesventure na realização desta 8ª edição do VCIT.

Saúdo, igualmente, a SOCIEDADE PORTUGUESA DE GARANTIA MÚTUA, na pessoa do seu CEO Dr. José Fernando Figueiredo, a quem deixo o meu manifesto agradecimento pelas várias participações que tem tido nas iniciativas desenvolvidas pela Gesventure ao longo dos últimos anos, e bem assim pelo apoio financeiro concedido para a realização deste Evento.

Agradeço, igualmente, à AICEP Capital Global, na pessoa do seu Presidente da Comissão Executiva, Dr. Abel Cubal de Almeida, pelo constante apoio institucional e financeiro concedido na realização dos Eventos promovidos pela Gesventure.

Uma palavra também de muito apreço para a Sociedade Gestora de Fundos de Capital de Risco QUADRANTIS, S.A., liderada pelo Dr. João Vicente Ribeiro, a quem aproveito para desejar publicamente os meus votos de sucesso na prossecução deste novo e

importante Projecto, e agradecer a sua participação como orador neste Congresso, bem como o apoio institucional e financeiro concedido.

Muito obrigado à Câmara Municipal de Oeiras, na pessoa do seu Presidente Dr. Isaltino Morais, a quem agradeço por nos ter dado a honra de efectuar a abertura deste Evento e, acima de tudo, pelo notável contributo que esta Câmara tem vindo a evidenciar na criação de um novo Ecosistema de Capital de Risco muito mais abonatório do Empreendedorismo.

Muito obrigado também ao Senhor Presidente do TagusPark, Dr. Américo Thomati, a quem agradeço pelo apoio logístico concedido à Gesventure ao disponibilizar o Auditório Principal do TagusPark para a realização do 8º VCIT.

Saúdo também os nossos parceiros - a ABREU ADVOGADOS, a APCRI e a DNA CASCAIS - por mais uma vez terem feito questão de se associarem à Gesventure nesta iniciativa.

Finalizo os meus agradecimentos dirigindo um cumprimento amigo a todos os Investidores, Promotores e demais interessados em acompanhar esta 8ª edição anual do VCIT.

Minhas senhoras e meus senhores,

A ideia lançada há quase uma década pela Gesventure da promoção de um congresso internacional, que tem como primordial desígnio proporcionar um ambiente potenciador do financiamento das empresas nascentes - prioridade para qualquer país que se quer próspero e competitivo - tem sido uma iniciativa ambiciosa, mas necessária porque geradora de complementaridades e sinergias dos principais agentes que actuam num sector que o país precisa de ver cada vez mais apto a reagir às mudanças trazidas pela nova economia de conhecimento intensivo.

Certo é que esta ideia nasceu, germinou, cresceu, ganhou adeptos, obteve colaboração e apoios e tornou-se uma realidade. Tornou-se uma realidade, essencialmente porque todos os congressistas que por aqui têm passado, pela quantidade mas sobretudo pela qualidade, têm vindo a transformar esta ideia num grande projecto de mobilização do sector de capital de risco nacional a favor dos novos modelos de negócio e das empresas

nascentes que, cada vez mais, em todo o mundo, se afirmam como as novas premissas de sucesso empresarial. Afinal, não existem hoje dúvidas, de que as grandes inovações surgem fora das grandes empresas, e, por isso, tal como refere a antropóloga americana Margaret Mead **“Nunca se deve subestimar a habilidade de um pequeno grupo de pessoas. Elas podem mudar o mundo”**.

É, pois, por esse motivo, que precisamos hoje, em Portugal, de uma Indústria de Capital de Risco mais forte. Mais forte não só para responder aos anseios dos Empreendedores, mas para promover o peculiar e valioso impulso que estes poderão reflectir no crescimento do tecido económico nacional gerador de emprego.

E quando digo mais forte, refiro-me à necessidade de começar, de uma vez por todas, a converter o crescente simulacro de Programas, reformas e iniciativas avulsas de promoção do Empreendedorismo, em parte decorrentes de políticas do governo (conceptualmente irrepreensíveis mas de diminuta eficácia prática) numa acção única e concertada capaz de congrega toda a actual infra-estrutura de apoio ao Empreendedorismo – Parques Tecnológicos, Incubadoras, Agências de Inovação, Sociedades de Capital de Risco, Sociedades de Garantia Mútua e Organismos diversos – e estabelecer uma aproximação efectiva entre quem tem ideias e quem tem dinheiro para investir.

É inegável que as políticas do governo têm permitido criar incentivos para a indústria de capital de risco e encorajar investimentos em PME inovadoras. Mas, sendo tal condição necessária ela não suficiente. É preciso ir mais longe. De nada adianta termos políticas muito avançadas ou ambiciosas se estas não se metamorfosearem depois em actos concretos que preencham os grandes espaços vazios que ainda subsistem no ecossistema empreendedor nacional. Uma actuação uníssona que expresse o esforço e a vontade colectiva de todos os agentes envolvidos, menos norteada pela busca de resultados seguros e certos – e, por isso, pouco expressivos – e mais disposta a assumir os riscos próprios que as empresas nascentes estabelecem em troca de uma oportunidade única de sucesso e de níveis de retorno inalcançáveis por parte de empresas em ciclos de vida mais desenvolvidos.

É, pois, fundamental ter a coragem de passar do plano conceptual das políticas favoráveis ao Empreendedorismo para a realidade prática onde habitam as pequenas empresas

inovadoras. Para tal, dos agentes espera-se uma atitude menos individualista e mais assente num espírito de interligação entre todos, com consequências mais positivas na criação e desenvolvimento destas pequenas empresas, pois são estas que têm revelado maior potencial para criar novos empregos e desenvolver novas tecnologias. Um estudo recente da EVCA, veio revelar que as empresas da União Europeia financiadas por private equity e capital de risco criaram 1 milhão de empregos, entre 2000 e 2004, sendo que mais de 60% destes empregos foram criados por empresas apoiadas por capital de risco e registaram um crescimento de cerca de 30% ao ano.

E, por isso, mesmo correndo o risco de me repetir vezes sem conta, volto a reafirmar a necessidade de se operacionalizar, com visão alargada e não míope, como por vezes tem acontecido, toda uma série de acções e actividades que ainda nos faltam. Refiro-me, por exemplo, à criação de um **Concurso Nacional de Plano de Negócios** de abrangência a toda a comunidade de empreendedores portugueses, à criação de **Fundos de Capital de Risco Universitários** que façam a ligação entre o Conhecimento e o competitivo mercado global; à implementação de uma **política de incentivos fiscais que permita dinamizar a actuação dos Business Angels** ou ICR – Investidores em Capital de Risco, tal como passaram a ser designados no novo regime jurídico aplicável à actividade de capital de risco em Portugal; à criação de um **Plano Nacional de Incubadoras e de Parques Tecnológicos** e à implementação de uma estratégia sustentada de crescimento das **Corporate Ventures** a nível nacional (à semelhança da Siemens, Acer, Intel, Nokia, Shell ou BP), baseada numa política de investimentos em projectos “seed” e start-up” inovadores, sustentados em tecnologia e comercialmente atractivos. Um outro aspecto que considero, igualmente, fundamental traduz-se na necessidade de os Organismos do Estado criarem mecanismos favoráveis à **adjudicação de serviços a start-ups** financiadas por capital de risco. Veja-se, a exemplo, que o Governo dos EUA, através do Programa SBIR – Small Business Innovation Research, afectou, em 2006, mais de 60 mil milhões do orçamento em contratação de PME’s, na medida em que estas têm a vantagem de ser mais flexíveis e competitivas que as grandes empresas.

E, por isso, quando olhamos para a realidade deste sector em Portugal, e nos concentramos nos efeitos produzidos pelas políticas e programas vigentes, tal como o Programa FINICIA, que foi lançado há dois anos atrás com o objectivo de vir a possibilitar

a criação de 1 300 negócios emergentes de pequena dimensão (tendo-lhe sido afectos recursos públicos na ordem dos 64 milhões de Euros) mas que até ao momento apenas apoiou cerca de 200 negócios com aquelas características, somos levados a crer que o que se verifica não é crescimento. É retrocesso.

E esse retrocesso não tem acolhimento no conjunto de medidas altamente favoráveis que caracterizam o próprio Programa, como são as percentagens de financiamento dos Projectos apoiados, cujo mínimo corresponde a 85% de financiamento do montante total a investir no Projecto, podendo, em alguns Projectos (até 25 mil euros de capital) chegar mesmo a corresponder ao financiamento da totalidade dos capitais a investir.

Tal retrocesso também não é conciliável com a qualidade e o potencial dos projectos que diariamente chegam à Gesventure para apreciação. Durante o ano passado, recepcionamos na Gesventure cerca de 400 projectos, dos quais apenas dois – repito, apenas dois – obtiveram financiamento via capital de risco, mas que provavelmente serão capazes de carrear para o mercado uma oportunidade única de negócio, e até quem sabe, uma oportunidade única de transformar ou criar uma nova Indústria, proeza que, nas palavras de John Doerr - um dos mais bem sucedidos investidores de risco do mundo e responsável pelos aportes iniciais em empresas como a Amazon, o Google e a Sun Microsystems - poderá estar ao alcance de verdadeiros empreendedores.

A fluidez e o dinamismo impresso nos projectos que nos são dadas a conhecer, diariamente, na Gesventure, não podem ser metidos na gaveta e simplesmente ignorados, sobretudo quando o argumento utilizado é a ausência de requisitos necessários porque analisados numa óptica formatada para operações de Private Equity. Tal não é possível, nem tolerável, se queremos levar mais longe, reforçar e desenvolver um modelo de Empreendedorismo em Portugal que ocupe um lugar decisivo no desenvolvimento económico e no progresso social.

**E é isso o que esperam de nós os Empreendedores, que aqui representamos.**

É certo que tudo o que disse até ao momento, não é mais do que um balanço ponderado da eficácia das medidas até ao momento implementadas em matéria de Empreendedorismo e de Capital de Risco nacional.

Mas este balanço é, a meu ver, fundamental, justamente porque tem a vantagem de nos fazer olhar para o caminho percorrido e medir a justeza do rumo adoptado. É tendo por base o que agora foi feito que se poderá definir a ampla dimensão de desafios e potencialidades que se colocam ao futuro deste sector em Portugal.

Aliás, a realização desta 8ª edição do VCIT - como todas as outras que a antecederam – tem como principal intento colher das realidades do presente um novo dinamismo que permita corrigir insuficiências, sacudir inércias nacionais e criar novas metas, estimulando, para tal, um espírito de permuta de ideias e de boas práticas trazidas por oradores, nacionais e internacionais, dispostos a reflectir e a partilhar connosco quais os caminhos a trilhar para se lograr quantificar, em resultados práticos, a criação de novos negócios de forte crescimento e conhecimento intensivos, e ao mesmo tempo não perder o ritmo do progresso, sendo certo que este deixa à margem os que o ignoram ou que nele tardam a tomar lugar.

E essa importante partilha produzirá efeitos ao longo destes dois dias de Congresso, no âmbito do qual se abrirá espaço para a riqueza do diálogo sobre os temas que aqui serão abordados, e sobre os quais limitar-me-ei, pela escassez de tempo, a efectuar uma breve referência.

Desde logo, serão abordadas as tendências verificadas, quer ao nível do investimento Private Equity e Venture Capital, bem como em novas áreas e oportunidades de negócio. No âmbito desta temática, e a merecer especial referência, iremos contar com a inestimável presença do Dr. Paulo Teixeira Pinto, consultor da Abreu & Associados para abordar o tema “Globalização e Desafios”. Trata-se, efectivamente, de um tema da maior importância, tendo em conta que a força e a velocidade da globalização impõem a Portugal rapidez na assunção das reformas necessárias que lhe permitam transformar-se numa sociedade preparada para este novo mundo global.

Outro grande tema a merecer especial destaque, e que será tratado neste primeiro dia de Congresso, é o tema do Empreendedorismo. E, neste domínio, teremos o privilégio de poder contar com a presença de oradores notáveis, entre os quais o Engº Ozires Silva, a quem dirijo uma saudação particular de muito apreço pela sua rica vivência enquanto empreendedor que conseguiu passar do sonho à realidade em vários desafios que decidiu

aceitar ao longo da sua vida, e por conseguir fazer das suas experiências lições valiosas para candidatos a empreendedor.

Sendo indissociáveis deste tema, não poderei deixar de fazer referência às novas metas anunciadas pelo operador de capital de risco Estado ao nível da dinamização da actividade empreendedora, *maxime* a criação, durante o primeiro semestre de 2008, de novos Fundos de Capital de Risco, designadamente o primeiro fundo de capital-semente inserido na iniciativa "Soluções integradas para a Modernização" do Ministério da Economia, com 50 milhões de Euros, tendo em vista facilitar a transferência de conhecimento dos centros de investigação para a realidade empresarial.

A par disso, refira-se também a iniciativa recentemente anunciada pelo Governo de constituir um fundo de capital de risco, no valor de 370 milhões de euros, que terá como objectivo apoiar o nascimento e arranque de empresas.

Resta-nos, assim, esperar que estas novas metas se venham a converter em resultados mais expressivos do que os alcançados até ao momento ao nível do financiamento do número de negócios emergentes de pequena dimensão, e que têm vindo a contrariar as políticas anunciadas.

Veja-se que, no 2º semestre do ano passado, e a contrariar esta realidade, registou-se, em França, os maiores investimentos efectuados em "early stage" desde o ano 2000, tendo abrangido um total de 147 empresas, das quais 38 em fase "seed capital". Refira-se, a este propósito, que de um total de 563 milhões de euros investidos pelas SCR a actuar em França, 197 milhões de euros traduziram-se em financiamento "early stage".

Também no ano passado, e a contrariar, mais uma vez, o ocorrido em Portugal, foram investidos, nos EUA, mais de 2 mil milhões em pequenos negócios, dos quais 600 milhões foram directamente aplicados em empresas start-ups.

Atentos os condicionalismos apontados, obviamente que o financiamento "early stage" será, sem dúvida, um tema ao qual será atribuído um enfoque muito especial ao longo do segundo dia deste Congresso.

Outro dos temas centrais do debate que irá ser discutido ao longo deste segundo dia de Congresso, diz respeito ao enquadramento legal e fiscal dos Business Angels em Portugal. Efectivamente, é crucial a implementação no ordenamento jurídico português de

condições fiscais de encorajamento dos business angels a investir em PME's inovadoras, para que estes possam cumprir o seu importante papel na fase inicial de transposição da ideia para o mercado.

Recomendo, por isso, especial atenção à intervenção que o Dr. Silva Jorge, da Mazars & Associados, SROC, irá efectuar no âmbito desta temática, sobretudo pela exemplificação prática que aqui irá trazer e que permitirá evidenciar, com clareza, as deficiências que ainda subsistem no sistema fiscal português.

Finalmente, não gostaria de encerrar esta breve apresentação dos temas que serão objecto de análise ao longo destes dois dias de Congresso sem me referir a um importante tema que diz respeito ao papel das Sociedades Gestoras de Fundos de Capital de Risco na dinamização da actividade empreendedora.

A encerrar este Congresso, iremos proceder à habitual atribuição dos PRÉMIOS GESVENTURE, por forma a distinguir a excepcional conduta de 5 personalidades nos seguintes domínios:

1. Empreendedor do Ano;
2. Intrapreneur
3. Autarca Empreendedor
4. Inovação
5. Internacionalização

Para concluir, resta-me afirmar que continuarei a olhar o futuro com esperança e optimismo, no legítimo convencimento de que a resoluta resposta para os principais problemas que ensombram o quotidiano da actividade empreendedora – por falta de resultados que não sejam superficiais ou mero efeito demonstração – passa, inevitavelmente, pela criação de um Organismo que assuma o pelouro do Empreendedorismo.

E esse Organismo – porque não o Ministério do Empreendedorismo? -deverá passar a ser catalisador e centralizador de todas as iniciativas, públicas e privadas, e de toda a infra-estrutura já existente de apoio à actividade empreendedora, passando a actuar com

políticas transversais a outros Organismos, como o Ministério da Economia e da Inovação, mas com responsabilidades específicas no domínio do Empreendedorismo e do Capital de Risco.

Obviamente que este Organismo, com competências especializadas, estará muito mais apto para actuar no sentido de melhorar o ambiente económico de financiamento das novas PME's e, em geral, o conjunto de condicionalismos existentes, de natureza legal ou não, que no quotidiano empresarial funcionam como verdadeiro entrave ao seu crescimento.

Não creio – e firmemente o afirmo - que exista outra opção estrutural mais ajustada não só para resolver os problemas presentes como para enfrentar, de forma estruturada e consistente, os desafios do futuro. Tudo dependerá da vontade firme para actuar neste sentido e de não delegar para o longo prazo aquilo que é uma necessidade no imediato.

Para terminar, e como já vem sendo hábito, uma última palavra para aqueles que acreditam ser capaz de realizar algo genuinamente marcante e inovador. **Algo que poderá mudar radicalmente, não só as suas vidas, mas também o mundo!**

Aqueles que olham para o mundo não para dizer “**porquê?**”, mas antes para dizer “**porque não?**”.

E este ano, aproveitando a presença de quem já logrou realizar o sonho de “voar”, não poderei considerar mais oportuno finalizar com uma verdadeira mensagem de confiança retirada da seguinte citação de Ozires Silva: “**Meu caro empreendedor, muna-se com amor no coração e com um sorriso nos lábios e seja um vencedor**”.

A todos, muito obrigado.

Francisco Banha  
Presidente da GESVENTURE

[fbanha@gesbanha.pt](mailto:fbanha@gesbanha.pt)

[www.gesventure.pt](http://www.gesventure.pt)

